

Simpósio Temático 18

Luiz Henrique Assis Garcia
Universidade Federal de Minas Gerais

Título da Comunicação: “Uma história em seu lugar”: cultura, cidadania e intervenção museal no Parque-Fazenda Lagoa do Nado (Belo Horizonte)

RESUMO: Como coordenador do Setor de Pesquisa do Museu Histórico Abílio Barreto (MHAB), de Belo Horizonte, participei entre 2003 e 2010 da formulação de uma política de acervos dedicada a ampliar o leque de artefatos passíveis de tratamento museológico, ultrapassando os limites de suas coleções tradicionais. Considerando o espaço urbano como suporte de memória, ensejava o lançamento de ações dispersas pela cidade, que aplicassem concepções teóricas mais refinadas e atualizassem a relação entre o museu e a comunidade. Nesta linha, destacaram-se projetos que culminaram com a realização de **intervenções museais**, em que a história de lugares da cidade era narrada através de painéis acomodados em expositores feitos em aço e vidro com base de concreto, concebidos para integrar (e dialogar com) o próprio espaço urbano abordado pela exposição. Opto por abordar aqui apenas o último desses projetos, que resultou na exposição *Lagoa do Nado: um lugar e suas histórias – Sítio, Parque, Centro de Cultura*, inaugurada em 2009, considerando que essa escolha favorece uma abordagem verticalizada da metodologia de trabalho e permite refletir sobre essa experiência de musealização do lugar. Sua trama principal é a história do Parque Fazenda Lagoa do Nado. O terreno, que pertencera à família de importante político e empresário local, seria reivindicado por moradores da região e grupos organizados para tornar-se área pública na passagem dos 1970-1980, evidenciando a emergência de discussões em torno da questão ambiental, da cultura e dos direitos sociais. Finalmente implementado como parque municipal na década de 1990, veio a ser instalado ali um centro cultural, dada a reconhecida importância do lugar como pólo regional de criação e fruição de diversas manifestações culturais. À exposição cabia então revelar a configuração do lugar em sua dinâmica e complexidade, como espaço construído por diferentes atores em diversos contextos históricos. Como pretendo mostrar, isso teve implicações metodológicas decisivas. Para dar conta da diversidade de usos e formas de sociabilidade protagonizadas pela comunidade, a equipe que coordenei realizou trabalhos de campo e, posteriormente, entrevistas, aproximação que privilegiou a produção de sentidos e representações do lugar, seja nos depoimentos colhidos, seja no acervo identificado. Tal material foi cruzado com a pesquisa em arquivo lançando luz em pontos obscurecidos no discurso da memória oficial, fosse a cristalizada na fala do poder público, dos antigos proprietários ou dos grupos organizados. Foi também esse contraste entre as fontes que orientou a produção dos painéis, divididos entre 3 expositores posicionados de forma a articular seu conteúdo temático e cronológico específico à sua localização. A história a ser contada, portanto, era a das disputas em torno do significado social e histórico do parque, documentada em jornais, fotografias, depoimentos, evidenciada nas ações dos protagonistas. Considero, portanto, que ao problematizar o lugar que se quer guardar na memória e tratar como patrimônio, a **intervenção museal** reconhece a dinâmica da história e da cidade, evitando ser mera legenda de seu panorama. Deslocando recursos de expressão próprios do museu para o espaço urbano, ela democratiza o conhecimento e favorece apropriações críticas do patrimônio cultural.